

DEAD RINGER / 1964 (*A Morte Bate Três Vezes*)

um filme de Paul Henreid

Realização: Paul Henreid / **Argumento:** Albert Beich, Óscar Millard, segundo a história «La Outra/Dead Pigeon», de Rian James / **Fotografia:** Ernest Haller / **Direcção Artística:** Perry Ferguson / **Figurinos:** Don Feld / **Montagem:** Folmar Blangsted / **Música:** André Previn / **Intérpretes:** Bette Davis (Margaret DeLorca/Edith Phillips), Karl Malden (sarg. Jim Hobbson), Peter Lawford (Tony Collins), Philip Carey (sarg. Hoag), Jean Hagen (Dede Marshall), George Macready (Paul Harrison), Estelle Winwood (Dona Anna), George Chandler (George), Mário Alcalde (Garcia), etc.

Produção: William H. Wright, para a Warner / **Cópia:** digital, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 115minutos / **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1964 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 29 de Outubro de 1964.

Neste ciclo à volta de Duplos e Gémeos há quase sempre duas personagens interpretadas pelo mesmo actor. Depois de Bette Davis no papel de uma dupla criminosa em **Dead Ringer**, teremos, numa sessão seguinte, a presença de Olívia de Havilliand no clássico de Robert Siodmak, **The Dark Mirror**. Ao contrário deste, o filme com Bette Davis não é nenhum clássico, mas é, apesar disso, um bom exemplo do género e um bom complemento ao filme de Siodmak. A realização não é tão inspirada, apenas funcional e é assinada pelo nosso bem conhecido Victor Laszlo de **Casablanca**, aliás Paul Henreid. Quando a sua imagem de galã começou a desvanecer-se, passou a alternar o trabalho de actor com o da realização (a partir de 1952), não se tendo distinguido particularmente neste campo e dedicando-se em especial à televisão. Da meia dúzia de filme que fez até 1966 o único que se destaca é exactamente o que vamos ver, sendo o resto praticamente para esquecer.

Sem características estéticas particulares, **Dead Ringer** merece atenção sobretudo pela presença de Bette Davis, que praticamente domina todo o filme com a sua personalidade, sendo os restantes intérpretes meros comparsas, mesmo um do gabarito de Karl Malden, que Peter Lawford, esse, é, também, para esquecer. Em 1964 a actriz encontrava-se numa encruzilhada. Apesar de todo o seu imenso talento os papeis rareavam devido à sua idade que para Hollywood era «veneno» para uma actriz. O mesmo acontecia com Olívia de Havilliand, com papéis esporádicos durante a década até se limitar (como Davis mais tarde) aos inevitáveis «cameos» em filme que acumulavam antigas vedetas, ou a «schlocks» de série B (como aconteceu a outra grande «velha» estrela: Joan Crawford). Mas Bette Davis não era mulher para cruzar os braços. Até então, na década de 60, as suas aparições tinham-se limitado a dois filmes de 1961, **Pocketful of Miracles/Milagre Por Um Dia**, de Frank Capra e **What Ever Happened to Baby Jane?/Que Teria Acontecido a Baby Jane?**, de Robert Aldrich. E se o segundo fora um sucesso de bilheteira, isso não lhe trouxe qualquer contrato novo. Em 1962, após ter publicado a sua autobiografia *The Lonely Life*,

Bette Davis faz publicar um anúncio que ficou célebre, num semanário, na rubrica «pedidos de emprego»: «Mãe de três filhos, respectivamente com 10, 11 e 15 anos, divorciada, de nacionalidade americana, 30 anos de experiência no domínio cinematográfico, ainda activa e mais amável do que dizem os boatos, procura emprego estável em Hollywood. Conhece a Broadway. Bette Davis. Dão-se referências». O primeiro a responder a este anúncio foi, nem mais nem menos, do que um velho conhecimento com quem se travara de razões mais de uma vez: Jack Warner, da Warner Bros, para quem Davis trabalhara na década de 30, e que lhe ofereceu o papel no filme que vamos ver (antes, porém, faria em Itália um filme dirigido por Damiano Damiani, **La Noia**).

Para Bette Davis um papel duplo não era novidade. Em 1946 interpretara já as figuras das gémeas protagonistas de **A Stolen Life/Uma Vida Roubada**, de Curtis Bernhardt (que era já um «remake» de um filme de Paul Czinner como o mesmo título original e que entre nós recebeu o de **A Vida de Uma Outra**, interpretado por Elizabeth Bergner). Tratava-se de um melodrama em que uma mulher toma o lugar da irmã gémea falecida ao lado do marido desta que ambas amavam. Como se vê o ponto de partida é comum com **Dead Ringer**, e poderia dizer-se que este se terá inspirado no primeiro (como, aliás, a fonte do argumento parece dar a entender). Também em **Dead Ringer** temos duas irmãs apaixonadas pelo mesmo homem, tendo uma delas (Margaret) forçado o casamento dizendo que se encontra grávida. Estes elementos estão ausentes da narrativa, e conhecê-los-emos no encontro que as duas irmãs têm após o enterro do homem que amaram, com que começa o filme. É aquela revelação (a da falsa gravidez) que provoca a reacção de Edith, que mata a irmã num acesso de fúria. Depois do acto, encena o crime como se fosse um suicídio e toma o lugar da irmã a fim de poder usufruir da riqueza que esta herdou. Alguns sinais exteriores parecem denunciá-la mas a pouco e pouco acabam por ser aceites pelos que a rodeiam, convencendo os criados e o seu namorado, o sargento de polícia Hobbson (Karl Malden). Todos, menos o amante de Margaret, Tony (Peter Lawford) que, percebendo a verdade, exerce chantagem sobre Edith. Até ao final do filme assistiremos a algumas reviravoltas curiosas, mais ou menos previsíveis mas, apesar de tudo, cumprindo bem a missão para um thriller sem grandes ambições.

Aliás, o que se destaca neste filme é, exactamente, a sua falta de ambições, tanto da parte do realizador, de quem já falámos, e de quem nada haveria a esperar de especial, mas, inclusive, do próprio elenco. Mesmo Bette Davis limita-se a cumprir a sua função, de forma perfeita como sempre, mas distanciada de personagens e do seu tempo.

Manuel Cintra Ferreira